

Amadeo: país pode crescer sem alta da inflação

Secretário diz que capacidade ociosa da indústria e desemprego alto impedirão repasses

Marcelo Aguiar e Liana Verdini

• O secretário de Política Econômica do Ministério da Fazenda, Edward Amadeo, disse ontem que a economia brasileira tem condições hoje para crescer a uma taxa de 4% a 4,5% ao ano, nos próximos dois anos, sem que o aumento de consumo provoque inflação. A baixa utilização da capacidade instalada das indústrias e o desemprego, segundo ele, impedirão que a volta do crescimento se transforme em aumento de preços.

Produção de bens duráveis caiu 30% após crise da Ásia

— Eu não vejo de onde pode vir uma inflação de demanda. A economia não cresce praticamente há dois anos, as indústrias estão com capacidade ociosa e o desemprego ainda está alto. Então temos aí entre 12 e 24 meses em que a economia pode crescer a 4% a 4,5% sem que haja pressão — disse Amadeo, em entrevista no 19º Encontro Nacional de Comércio Exterior (Enaex).

Um exemplo, de acordo com o secretário, é a indústria

de bens de consumo duráveis, que fabrica produtos como eletrodomésticos. O nível de produção nessa indústria, afirmou, está hoje 30% abaixo do patamar anterior à Crise da Ásia. A retomada do crescimento nesse setor resultaria em aumento da produção, com maior aproveitamento da capacidade instalada — e não em aumento de preços.

Se fosse o caso de a demanda provocar aumento da inflação, segundo Amadeo, o momento seria agora, no período de fim de ano. Porém, afirma, esse efeito não foi detectado.

O secretário disse ainda que o aumento das tarifas públicas, que provocou a alta da inflação deste ano, não deverá se repetir com a mesma intensidade no próximo ano. As tarifas dos serviços públicos só subiram tanto neste ano, segundo ele, porque os contratos estabelecem reajustes pelo IGP-M — um índice composto 60% pelo Índice de Preços no Atacado (IPA), o mais afetado este ano pela desvalorização do real.

— Todos os primeiros reajustes das concessionárias

carregam essa contaminação. Esse mecanismo de reajuste das tarifas tende a arrefecer ao longo dos próximos meses — argumentou Amadeo, que antes de ir ao Enaex entregou o prêmio Equilíbrista, do Instituto Brasileiro de Executivos de Finanças, ao sócio-gerente da AGF Administradora de Portfólios, Ary Graça Filho.

Preço do petróleo não deve subir mais, diz Amadeo

O Governo, explicou o secretário, considera que o realinhamento de preços provocado pela desvalorização já está se esgotando. Por isso, o IPA tende a diminuir. Mas os contratos que terão correção no início do ano, admitiu, ainda terão correção alta. O preço do petróleo também tende a parar de subir, segundo ele.

Concorda com ele o diretor de Política Econômica do Banco Central, Sérgio Werlang. Segundo ele, a alta da inflação é passageira e o IPCA deve chegar ao fim do ano acumulando entre 8,6% e 8,7%.

— Paciência, tivemos muitos choques de oferta localizados neste ano — disse. ■

Fábio Seixo



EDWARD AMADEO entrega o Prêmio Equilíbrista a Ary Graça Filho

Armínio: Brasil pode crescer 6% no médio prazo

Presidente do BC diz que país terá ganho maior de produtividade

• O presidente do Banco Central, Armínio Fraga, disse ontem que o Brasil tem potencial para crescer a uma taxa de 6% ao ano a médio prazo. Armínio chegou a esse percentual somando a perspectiva de crescimento dos países líderes, que é de cerca de 3% ao ano, ao aumento de produtividade que ele prevê que a economia brasileira poderá ter nos próximos anos.

A produtividade poderá crescer mais rapidamente no Brasil do que nos países desenvolvidos, destacou, porque o país ainda está defasado nessa área e pode recuperar parte do tempo perdido. O presidente do BC preferiu, porém, não arriscar uma previsão sobre quando o país poderá começar a crescer a taxas tão elevadas.

Armínio acredita que os países ricos vão liderar uma onda de crescimento nas próximas duas décadas devido à tecnologia da informação, em especial nos Estados Unidos. ■